

JORNAL: A TARDE

DATA: 30.09.91

CAD: 01

PAG: 04

Assunto: Bairro

Nordeste, um bairro com problemas e vida própria

Entrar no Nordeste de Amaralina é fácil. Difícil mesmo é sair. São tantas as vielas e ruas estreitas, fechadas dos dois lados por casas contíguas, estendendo-se pelo Alto de Santa Cruz, Alto do Areal, Alto do Coqueiral e Vale das Pedrinhas que, para um forasteiro é fácil se perder. Nesta macroregião, que já foi considerada a segunda mais populosa de Salvador, vive um expressivo contingente da classe média baixa, em meio a inúmeros problemas de infra-estrutura, como rede de esgoto e saneamento básico, falta de água, coleta de lixo e falta de segurança. Mesmo assim, essa população procura fazer de seu dia a dia um desafio à alegria, usando os poucos meios de diversão que possui.

São 14h30min do domingo. É fim de mais uma feira semanal no Nordeste, próximo ao ponto final dos ônibus. Caminhões manobram em retirada, levando o que sobrou — frutas, legumes e hortaliças murchas pelo Sol — sabe-se lá para qual outra feira ou ponto de venda, para comercialização nos próximos dias. O lixo doméstico, depositado pelos moradores na extremidade do largo, junta-se às cascas de frutas, folhas, legumes e tubérculos jogados displicentemente ao chão. O mesmo chão por onde passaram inúmeros pés, em incansáveis rotas à procura da oferta mais em conta, formando um tapete compacto que se transformaria em lama se houvesse chuva.

Os moradores já sabiam que a limpeza corrente seria feita no final da manhã de ontem, ou hoje. Enquanto isso, terão de conviver mais uma vez com aquele lixo, um cartão-postal desagradável para quem quer fazer do domingo um dia de encontro com amigos ou parentes. "Nem dá gosto fazer uma festa de aniversário ou batizado, convidando um monte de gente pra ver essa sujeira toda por aqui", diz Cláudio Frederico Pinto, por trás do balcão de seu boteco, no mesmo largo.

A sujeira é um problema antigo. Mequinho, com pinta de candidato a vereador (seu nome verdadeiro é Emerson Cardoso Ferreira), entra no bar lançando seu discurso pela união dos moradores, para exigir mais higiene dos feirantes. Dona Julieta, sogra de Cláudio, há 45 anos no bairro, mas comportando-se como se ainda morasse na cidade de Santo Antônio de Jesus, de onde veio, com uma saia larga e colorida, de tecido gasto, e um lenço na cabeça, lembra que a limpeza pública é mais uma obrigação da prefeitura que dos feirantes.

Mas Mequinho não se dá por vencido, continua achando que os moradores devem cobrar mais limpeza ao fim de cada feira. "porque o pessoal faz muita sujeira e nem liga". Por trás disso, há vários planos encasquetados para dar mais brilho ao bairro, prejudicados pela intervenção semanal daquele comércio a céu aberto. No mesmo largo, ele quer promover um programa de calouros e a lavagem das ruas próximas, com o apoio de políticos, é claro. Leia-se, no caso, Marcos Medrado, um nome recorrente em sua conversa, como alguém sempre pronto a ceder carros de som e o que mais for necessário para um evento.

Um programa de calouros, sem dúvida, seria uma atração, fazendo com que famílias inteiras deixassem de ser meras espectadoras desses programas pela tevê de todo o domingo, por uma participação ao vivo. "É que aqui a gente não tem muito que fazer mesmo. As pessoas mais idosas se distraem na feira, os mais modernos descem para a praia de Amaralina. O resto, ou fica de bobeira nas casas, ou pelos bares, tomando cerveja", completa Cláudio.

Os fins de semana ficaram um pouco mais animados, recentemente, com os bagodes de samba na sede da Diplomatas de Amaralina, a tradicional escola de samba que saía no Carnaval até 14 ou 15 anos atrás, contam. Na última sexta-feira, o bagode pegou forte na noite. Tem também o Bar do Enoque, que de vez em quando apresenta o Grupo de Samba Elite e dois bares de inspiração rastafari, para "fazer a cabeça" da moçada, com o som reggae de caixa ecoando nas ruas. Um deles, o Soweto's Bar, fica já no Vale das Pedrinhas.

Subindo ou descendo ladeiras, a visão é quase a mesma. Casas ainda em tijolo aparente ao lado de outras tantas azulejadas e com primeiro andar — um indício de que seus moradores subiram um pouco na escala social —, com gente negro nas varandas, animadas pelos copos de cerveja, ou já saboreando uma feijoada. As vitrolas, no último volume, passeiam no imaginário popular romântico formado pelas músicas couhtry-sertanejas, boleros e até guarânias.

CADÊ A ÁGUA?

Nas partes mais elevadas do Nordeste, como no Alto de Santa Cruz, Alto do Areal ou Alto do Coqueiral, a falta de água sempre foi constante. Nesses pontos mais pobres, a população é forçada a uma romaria incessante para conseguir o líquido em algumas fontes ou nas casas mais abastecidas. "Têm ruas, como a 17 de julho, no Areal, que desde que receberam a tubulação da rede hidráulica, em 1984, nunca

tiveram uma gota de água", conta Adilson Pereira, morador do Vale das Pedrinhas e militante comunitário na região. Já foi membro de associações de bairro e hoje preside o Centro Infantil Vale das Pedrinhas, uma creche para 92 crianças de dois a seis anos, filhas de mães solteiras.

Amadeu Ribeiro da Silva culpa os funcionários da Embasa encarregados de abrirem os registros da rede distribuidora. "Eles nunca abrem totalmente, é por isso acontece o que a gente vê: um vizinho sem água e a casa do lado abastecida". Onde ele mora, na Rua Juazeiro, é assim. Já na paralela 11 de Novembro, dizem ele e o vizinho José Domingos Ribeiro, a água cai sempre. Já foi pior, reconhecem, mas muito do que se conseguiu deve-se a favores de políticos. O boato que corre — conta Amadeu — é que a população de um trecho do Areal, mais próximo do Parque da Cidade, agora conta com água encanada, pela intervenção de um deputado.

A imagem de uma região marginalizada, repleta de assaltos e de cenas de estupro, permaneceu há quem diga que o inferno, se não se transformou no paraíso, chegou ao limbo. José Domingos imediatamente associa marginalidade ao uso da maconha para dizer que, logo abaixo de onde mora, "tinham mais de 10 macomheiros numa só casa". Outros lembram que em Santa Cruz, Vale das Pedrinhas e Boqueirão a situação está mais calma, porque a Polícia fez uma limpeza geral: "Isso mesmo, era tudo pessoal criado aqui mesmo. Se a Polícia não tivesse matado, hoje eles estariam de volta, infernizando a gente naquela quentura de sempre".

Alguma coisa está sendo feita pelos próprios moradores. Fernando Lima foi um dos líderes de um mutirão que retirou degraus de concreto para colocar a tubulação de escoamento do esgoto na Ladeira João XXIII. Todos se cotizaram, e o exemplo poderá ser seguido nas demais ladeiras. Adilson Pedreira diz que a Secretaria de Ação Social do Município está apoiando o projeto, que deverá ser estendido à Rua das Fontes e à José Cardoso.

Lima está animado para criar mais uma associação de moradores. Existem mais de 30 associações locais registradas na FABS — Federação das Associações de Bairro de Salvador —, mas atuantes mesmo seriam quatro, segundo lideranças. Com mais união, dizem, os problemas seriam também mais facilmente resolvidos. Como o lixo, que toma conta das ruas. Reinaldo Matos, do Norte e tantas outras, mas principalmente aquela que ironicamente é chamada de Disneylândia, atrás do Colégio Teodoro Sampaio, com o asfalto fechado pelo lixo doméstico, por falta de coleta.



Foto: Arlindo Félix

Os buracos, um tormento geral

CPL: 21

PAG: 01

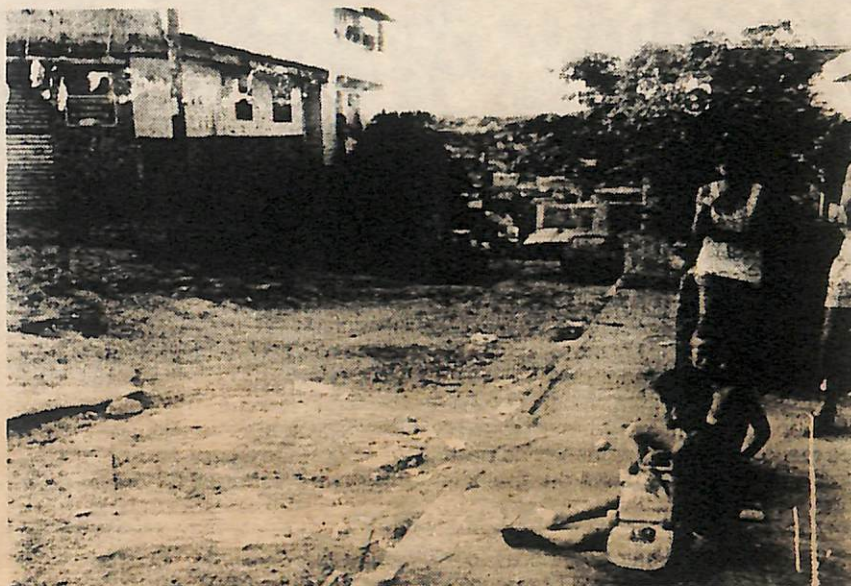


Foto: Arlindo Felix

A falta de calçamento e saneamento básico são dois dos problemas

Nordeste ainda é um bairro com problemas

O Nordeste de Amaralina é um bairro já com vida própria, mas ainda cheio de problemas. Os próprios moradores avisam aos visitantes que é muito fácil entrar no bairro, "difícil é sair", devido às inúmeras vielas e ruas estreitas, fechadas dos dois lados por casas contíguas. O forasteiro perde-se no Nordeste de Amaralina facilmente. O bairro abriga um contingente expressivo da classe média baixa e procura resolver seus problemas de infra-estrutura básica — água, esgoto e saneamento. Os moradores convivem com a falta de segurança, de higiene e de transporte coletivo. Mesmo assim, procuram se divertir como podem. Num domingo de sol, por exemplo, muitos vão à praia, enquanto outros ficam em casa ou nos bares locais tomando uma "cervejinha gelada" (Pág. 4).